

Nascimento apogeu e crise da Bioética

DANIEL SERRÃO

Com base na publicação de uma comunicação feita à Academia das Ciências (Daniel Serrão – “Na Academia das Ciências”. Porto 2010, Pgs.213-230) foi apresentada a evolução da Bioética, de 1970 até aos nossos dias.

A palavra foi criada simultaneamente por dois autores, nos Estados Unidos da América. Em dois locais diferentes e com significado diverso.

Para Van Potter, do Wisconsin, bioética era uma nova disciplina científica orientada para a salvação da espécie humana, ameaçada de extinção. Esta nova disciplina deveria articular, horizontalmente, todos os conhecimentos sobre a biologia humana – o bios - com todos os conhecimentos sobre a natureza específica dos humanos, como seres pensantes - o ethos - e criar assim a sabedoria de decidir sempre para o melhor bem de cada ser humano e para a melhoria da condição humana, em geral. Não teve grande sucesso, enquanto os ecologistas o não convenceram a alargar o conceito para todas as formas de vida - humana, animal e vegetal - no que chamou Bioética Global.

Hellegers, médico, de Washington usou a mesma palavra, bioética, para caracterizar um novo desenvolvimento da Ética dos cuidados de Saúde, que viesse a ampliar a deontologia médica, ultrapassada pelo progresso científico e tecnológico, em especial na área da reprodução e da sexualidade. Com o apoio da família Kennedy criou um Instituto de bioética que teve um grande sucesso e modernizou a intervenção dos profissionais de saúde e a sua relação com as pessoas doentes, protegendo-as adequadamente de eventuais abusos.

Há sinais de crise nos dois campos em que se divide a Bioética.

A Bioética Global, de Potter, está transformada numa actividade política que controla os chamados “impactes ambientais” das actividades públicas,

de forma nem sempre transparente e, por vezes, claramente sensível a interesses económicos e à corrupção.

A Bioética de Hellegers, como ética médica, exercida por meio de Comissões de Ética em Saúde, pluridisciplinares, tem sido alvo da pressão da Indústria Farmacêutica Internacional, que procura manipular as decisões, tendo conseguido mediante pressão exercida na Comissão Europeia, que em cada País europeu actue uma só Comissão de Ética em Investigação Clínica - a CEIC, em Portugal - que autoriza os ensaios clínicos de novos medicamentos para todos os Hospitais, retirando às Comissões de Ética, existentes em cada um, o poder de se pronunciarem.

Esta decisão esvaziou as competências das Comissões de ética em saúde dos hospitais.

Apesar destes aspectos negativos, continuo a pensar, como escrevi, que a Bioética poderá vir a contribuir para uma ecologia mais sensata, uma economia mais justa, uma política mais responsável e uma religião mais alegre.